



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOSIAS SANTOS DA SILVA

**ENTRE A CULPA E A REDENÇÃO: OS MODELOS DE EVA, DA VIRGEM E DE
MARIA MADALENA NA IDEALIZAÇÃO DA MULHER NA IDADE MÉDIA (SÉCULO
XII)**

**GUARABIRA – PB
2022**

JOSIAS SANTOS DA SILVA

ENTRE A CULPA E A REDENÇÃO: OS MODELOS DE EVA, DA VIRGEM E DE MARIA MADALENA NA IDEALIZAÇÃO DA MULHER NA IDADE MÉDIA (SÉCULO XII)

Trabalho de conclusão de curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Área de concentração: História Medieval.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alômia Abrantes Da Silva

**GUARABIRA – PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Josias Santos da.
Entre a culpa e a redenção [manuscrito] : Os modelos de Eva, da Virgem e de Maria Madalena na idealização da mulher na Idade Média (Século XII) / Josias Santos da Silva. - 2022.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva ,
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Século XII. 2. Modelos femininos. 3. Historiografia. I.

Título

21. ed. CDD 362.83

JOSIAS SANTOS DA SILVA

ENTRE A CULPA E A REDENÇÃO: OS MODELOS DE EVA, DA VIRGEM E DE MARIA MADALENA NA IDEALIZAÇÃO DA MULHER NA IDADE MÉDIA (SÉCULO XII)

Trabalho de conclusão de curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Área de concentração: História Medieval.

Aprovada em: 28/03/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Alômia Abrantes da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Luciana Calissi (1º Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Dayane Nascimento Sobreira (2º Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico à minha criança interior, por ter acreditado que eu iria além das expectativas. Ao meu pai e a todas as mulheres que fazem parte da minha vida, em especial, minha mãe, por todo amor que tenho.

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história? A questão parece estranha. "Tudo é história", dizia George Sand, como mais tarde Marguerite Yourcenar: "Tudo é história". Por que as mulheres não pertenceriam à história?

(Perrot, 2007, p. 16).

AGRADECIMENTOS

Minha trajetória pela graduação de História foi mais que uma passagem pela Universidade em busca de uma formação acadêmica, foi um despertar do meu olhar para o mundo, me possibilitando ganhar a liberdade de tantos preconceitos que a sociedade me impunha. Assim, pude fazer uma reconciliação comigo, me libertando também de culpas que não eram minhas, mas que eu insistia em carregar por achar que não me encaixava nas idealizações sociais. Além do despertar através aulas, isso só foi possível porque conheci muitas pessoas com quem compartilhei momentos tristes e felizes, frustrações e vitórias, lágrimas e sorrisos. Conhecimento.

Agradeço a tudo que acredito, principalmente ao Deus no qual creio que não exclui, não segrega, mas une e ama todos os seres exatamente como eles são. Agradeço à minha mãe Euglacia Maria Santos da Silva, ao meu pai Cícero Sebastião da Silva, aos meus irmãos Denivânia, Denivaldo, Daniel, Daniela e Josélia e meus avós por terem contribuído na minha formação como pessoa e pelo cuidado a mim dedicado.

Aos meus amados sobrinhos e sobrinhas, em especial Kaliane e Kalidiane por todo amor e carinho que me deram, desde a infância mais feliz que eu poderia ter, graças a elas, assim como Nayane Vitória, Nayara Maria e Gustavo, por todo carinho e amor que me dão.

Ao meu presente da vida, minha amiga Daniela da Silva, por me salvar desde a adolescência, por me ouvir sempre, por todo apoio emocional, pelos nossos sorrisos, lágrimas e abraços, por nossos dias de chuva correndo na rua, nossas tardes juntos, por todo amor e por estar ao meu lado mesmo estando fisicamente distante. A Samara Duarte e Maria Morgana, por toda amizade.

Aos meus presentes da UEPB, como chamo os amigos e amigas que conheci graças à Universidade: Luana Moreira, João Maique Bezerra, Ingrid Cruz, Alessandra Costa, Liliane Costa, Christian Eduardo por todas as conversas e risadas que me fizeram um ser humano melhor. A Alexandre Araújo da Silva, por todo apoio psicológico e por acreditar na minha capacidade e à minha querida Marília Gabriela do Nascimento Lira, por toda nossa trajetória na universidade e na vida, por me ouvir, pelo apoio emocional, pelas conversas, abraços e por todo carinho do qual nunca esquecerei.

Aos meus professores e professoras, que foram tão humanos e sensíveis nessa trajetória, entre eles e elas: Cristiano Luís Christilino, Manuela Aguiar Damião, Carlos Adriano Ferreira de Lima, Waldeci Ferreira Chagas, Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega por todos os ensinamentos e, em especial, à minha orientadora Alômia Abrantes da Silva, por todo carinho e humanidade durante as aulas, como também durante a orientação desse artigo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OS “VÍCIOS DA ALMA FEMININA” E A IGREJA NO SÉCULO XII	12
2.1 De um caminho sem volta a um rumo sem perspectiva de chegada	16
2.1.1 A meio caminho, (re)constrói-se uma ponte de penitências.....	20
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	26

ENTRE A CULPA E A REDENÇÃO: OS MODELOS DE EVA, DA VIRGEM E DE MARIA MADALENA NA IDEALIZAÇÃO DA MULHER NA IDADE MÉDIA (SÉCULO XII)

BETWEEN GUILT AND REDEMPTION: THE MODELS OF EVE, THE VIRGIN AND MARY MAGDALENA IN THE IDEALIZATION OF WOMEN IN THE MIDDLE AGES (TWELFTH CENTURY)

Josias Santos da Silva¹

RESUMO

A história das mulheres é um tema que vem sendo muito discutido na atualidade e a historiografia pode nos ajudar a discuti-lo melhor. Este artigo tem como objetivo analisar os modelos femininos ganharam força no século XII, construídos através das representatividades de Eva, da Virgem Maria e de Maria Madalena, tendo como foco um diálogo entre a Idade Média e a própria historiografia escrita acerca desse século, especialmente, pelas perspectivas de Georges Duby (2013), Dirce Guizzo (2005) e Márcia Leite (1999). Logo, observamos também sobre qual contexto emergem esses modelos, bem como o poder exercido pelos discursos da Igreja Cristã, que atuavam como direcionadores na escolha de um "modelo ideal" de mulher no período medieval e entendendo como os costumes socioculturais do período influenciavam na vida dessas mulheres em uma sociedade extremamente patriarcal. Para concluir esse trabalho, identifica-se na construção do modelo de Madalena, uma ponte entre a dicotomia de Eva e da Virgem, mas também entre o profano e o sagrado, (re)construída sobre preço de penitências, cobradas pela salvação das mulheres, para assim, compreender como, possivelmente, esses modelos moldaram as suas vivências.

Palavras-chave: Século XII. Modelos femininos. Historiografia.

ABSTRACT

The women history is a topic that has been much discussed today and historiography can help us to better discuss it. This article aims to analyze the female models gaining strength in the twelfth century, built through the representations of Eve, the Virgin Mary and Mary Magdalene, focusing on a dialogue between the Middle Ages and the historiography itself written about that century, especially by the perspectives of Georges Duby (1996), Dirce Guizzo (2005) and Márcia Leite (1999). Therefore, we also observe in what context these models emerge, as well as the power exercised by the discourses of the Christian Church, which acted as guides in the choice of an "ideal model" of woman in the medieval period and understanding how the sociocultural customs of the period influenced the life of these women in an extremely patriarchal society. To conclude this work, it is identified in the construction of the Magdalene model, a bridge between the dichotomy of Eve and the Virgin, but also the profane and the sacred, (re)built on the price of penances, charged for the salvation of women, to thus, understand how, possibly, these models shaped their experiences.

Keywords: Twelfth century. female models. Historiography.

¹ Licenciando em História, Centro de Humanidades, UEPB. E-mail: josiascontatos@gmail.com

1INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo formular uma análise dos modelos femininos surgidos no século XII, na Europa ocidental, idealizados pelo cristianismo a partir das representatividades de Eva, da Virgem e de Maria Madalena, a partir dos quais procuravam-se constituir ideais de condutas e vivências para as mulheres. Para isto, usamos como base de discussão a própria historiografia, partindo de um conjunto de ideias e interpretações presentes em uma escrita da história acerca deste tema e período. Procuramos, assim, tecer uma crítica aos padrões modelares estabelecidos pelo cristianismo sem deixar de reconhecê-lo como um modo de sociabilidade presente na cultura medieval.

Sabemos que a historiografia é capaz de nos fazer compreender como determinadas construções sociais e conceituações históricas se desenvolveram ao longo do tempo. Uma historiografia sobre as mulheres nos proporciona conhecer e problematizar aspectos que estabelecem pontes entre questões do passado e do nosso presente, no que se refere às históricas desigualdades sociais entre homens e mulheres. Também, quando se trata da religiosidade, não é diferente, pois, permitenos, por exemplo, perceber o quanto o cristianismo na Idade Média foi decisivo para a sedimentação de determinadas concepções em torno das mulheres, que ainda repercutem de diversas maneiras em valores contemporâneos.

Durante a Idade Média Central, mais precisamente no decorrer do século XII, os discursos da Igreja Cristã tinham uma grande influência sobre a sociedade medieval. Esta, por sua vez, caracterizava-se como uma sociedade marcadamente patriarcal, profundamente hierarquizada, baseada em relações senhoriais e feudais, que estabelecia para as mulheres um lugar social, na maioria das vezes, de submissão diante dos homens. Como nos explica Lerner (2017, p. 267), a forma patriarcal predominante no Ocidente a partir da Antiguidade é bem descrita como “dominação paternalista”, em que a família é elemento central, e as funções determinadas e diferenciadas para homens e mulheres no seio desta são assimétricas, reguladas pelo poder do “pai” ou homem chefe da família, pesando sobre as mulheres uma subordinação em relação a tal poder que “dura a vida inteira”.

Importante enfatizar que, quando se trata de falar sobre as mulheres deste período, as fontes são escassas e muito do que se sabe são visões masculinas acerca do feminino. Para Georges Duby (2013), as mulheres medievais sempre serão para nós “sombras sem contornos”, porque muito do que aparece sobre o feminino é por intermédio dos homens. A literatura clerical é uma das fontes usadas pelas/os pesquisadoras/es para ter acesso a esses pontos de vista. Ao se debruçar sobre escritos de testemunhos dos padres, Duby (2013, p. 185) aponta que:

O que escreveram sobre o cotidiano da existência feminina, tampouco revela a verdade franca. Com efeito, são homens que se exprimem afogados em seus preconceitos de homem, forçados, além disso, pela disciplina de sua ordem a manter-se afastados das mulheres, a temê-las. Assim, ainda desta vez, não hei de captar senão uma imagem das damas do século XII. Um reflexo vacilantes, deformado.

Márcia Maria Leite (1999, p. 40-41) concorda quando diz que ao falar das mulheres, “os depoimentos disponíveis até então eram, em sua maioria, distorcidos e falseados: ‘São sempre os homens que falam delas’. As imagens da mulher que chegaram até o presente são aquelas construídas apenas pelos homens medievais, a exemplo de padres e monges”. Desse modo, muito do que aparece sobre as

mulheres é o espelho de uma sociedade em que o homem encontrava-se no topo da hierarquia, daí se sobrepõe também o seu olhar e os seus ideais para com o feminino; “tudo o que aparece publicamente é masculino. Essa literatura não tem caráter realista, pois ela representa o que a sociedade tem de ser e quer ser. Somente os homens tem visibilidade” (COSTA, 2012, p. 48). Ainda que as mulheres tenham escrito, pois sabiam escrever muito bem, suas visões em torno do mundo e de si mesmas foram o mais das vezes apagadas ou silenciadas por muito tempo, inclusive pela própria historiografia, como discute Perrot (2017).

Quando se trata de uma pesquisa sobre as mulheres do medievo, segundo Márcia Maria Leite (1999, p. 41-42), “nem sempre os historiadores devem se deixar influenciar pelas fontes, principalmente as de proveniência masculina”. De quem falavam essas fontes? De mulheres reais ou de visões sobre o feminino? Que ideologias essas escritas quiseram passar? Existem grandes lacunas que talvez nunca serão preenchidas. A dificuldade em se encontrar fontes para pesquisa é uma realidade. As fontes podem ser traiçoeiras, nos mostrando visões errôneas e por vezes estereotipadas acerca do gênero feminino. De acordo com Márcia Maria Leite (1999, p. 46):

Apesar das particularidades de suas trajetórias individuais, desfilam na imaginação dos homens (maridos, pais, religiosos, poetas, biógrafos, conselheiros e amantes). Através da representação que se fez de cada uma dessas damas, conhecemos fragmentos da realidade e do cotidiano que vivenciavam. Uma imagem deformada, contudo, reveladora das atitudes que os homens tinham para com o sexo feminino, bem como dos comportamentos que exigiam ou, pelo menos, esperavam que elas tivessem.

Na nossa busca em torno dos modelos femininos do século XII, nos deparamos com obras que se tornaram fundamentais para nossa reflexão, constituidoras deste corpo historiográfico, dentre elas: A trilogia *As damas do século XII* de Georges Duby, (2013), sendo muito importante no mergulho sobre o que se sabe de mulheres que viveram ou que estiveram presentes no imaginário daquelas que vivenciaram aquele século; o artigo *Representações femininas na Idade Média: o olhar de Georges Duby*, de Márcia Leite (1999), que nos possibilitou ver uma perspectiva feminina sobre as obras de Duby.

As contribuições trazidas por Macedo José Rivair em *A Mulher na Idade Média* (1999) como síntese das discussões sobre os modelos de representação feminina no medievo foram inspiradoras. Diante da pesquisa sobre Maria Madalena, tornou-se imprescindível a leitura de *Maria Madalena: Luzes e Sombras na urdidura de uma imagem*, de Dirce Socorro Guizzo (2005). Estas referências historiográficas, somadas às várias outras para compreensão daquele contexto, atuam como norteadoras e bases para nossa discussão, e nos situam mais especificamente enquanto escolha teórica no campo da História das Mulheres.

Para Leite (1999), ao escrever uma pesquisa historiográfica sobre as mulheres, em especial as medievais, temos que levar em consideração o cuidado com as fontes. Ao analisar obras de Duby, Lívia Couto (2017, p. 04) concorda com Márcia Leite quando diz que: “a história delas foi escrita a partir de um terreno estritamente delimitado, uma historiografia que pretendeu apenas ao reflexo das mulheres no discurso feito pelos homens ligados a uma instituição eclesiástica”. Nessa escrita da história das mulheres não há verdade absoluta, porque “em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres faz parte da ordem das coisas. É garantia de uma cidade tranquila” (PERROT, 2017, p. 16). Como ocorrerá na sociedade medieval, esse silenciamento é parte de uma decisão histórica e culturalmente construída dentro

das sociedades patriarcais, em uma visão do que é dito como “oficial”. Segundo Lousise Tilly (1994, p. 34), a história das mulheres contribui para incentivar o interesse pelas “pessoas comuns” do passado, reforçando a ideia de que, como historiadores precisamos problematizar as chamadas “verdades históricas”.

Partindo destas perspectivas, a discussão é apresentada aqui em três partes: a primeira, em que buscamos compreender o contexto sócio-histórico sobre o qual se instalaram os modelos femininos idealizados, ou seja, como os discursos da Igreja atuaram como direcionadores culturais na criação de dispositivos de controle para exercer domínio sobre o feminino. Na segunda parte, partimos para analisar a dicotomia presente nos modelos femininos presentes na representatividade de Eva e da Virgem Maria, disseminados pelos discursos da Igreja. Para, por fim, na terceira parte, abordarmos em meio a este paralelo criado entre a dicotomia de Eva e da Virgem, o modelo de Maria Madalena, que aparece no século XII, com o sentido pedagógico da salvação das mulheres através do arrependimento dos pecados pela penitência.

2OS “VÍCIOS DA ALMA FEMININA” E A IGREJA NO SÉCULO XII

Antes de falarmos sobre os modelos femininos surgidos, e idealizados, ou compreendidos no século XII, temos que buscar entender quem os construiu e sob quais circunstâncias estes vieram a emergir. Na Idade Média do século XII, a Igreja já detinha grande domínio sobre a sociedade. A essa altura, a mesma já havia se tornado o centro da aldeia e a paróquia era a célula essencial dessa organização (LE GOFF, 2010), ou seja, a Igreja foi, nesse contexto, um grande centro de sociabilidade, de modo que as normas por ela criadas tenderiam a ser entendidas como as únicas certas a se seguir, perante a grande influência que o cristianismo conseguia atingir.

Seguir as doutrinas pregadas possibilitava, na fé cristã, que se abrisse o caminho para a manutenção da boa ordem - o grande ideal da Igreja naquele contexto - e principalmente a vinda do perdão universal, uma vez que “a redenção dependia de que a sociedade alterasse seus comportamentos e fosse, portanto, devidamente transformada” (FELDMAN, 2015, p. 59). Mostrava-se, desse modo, como, para a Igreja, era preciso instaurar um certo domínio e uma tentativa de “purificação” sobre a sociedade medieval. Em troca dessa transformação, o cristianismo prometia uma vida plena e saudável e, após a morte, a salvação. No entanto, para isso, era preciso seguir as regras impostas como condições necessárias para chegar ao destino final desse “mapa” que dava rumo ao céu. O caminho nunca seria o mais fácil, mas, para alguns, era muito mais difícil, como o era para as mulheres.

Quem criava essas regras? Estamos falando da Igreja, porém a instituição não se fazia sozinha, digamos que o “manual” a se seguir não havia de vir diretamente do céu. O homem era o responsável por isso. Para sermos mais precisos, os homens do clero que decidiam o que aos olhos deles era melhor e mais correto para se fazer. A Igreja Cristã direcionou o processo de construção do “modelo ideal” feminino agindo como uma força determinante, porém, não única. O “manual” surgiu da relação entre o cristianismo e a sociedade. Assim, determinariam-se instruções modelares que, na maioria das vezes, não favoreciam o gênero feminino, buscando-lhe impor regras quase sempre limitantes, afirmando que as mulheres tinham “vícios” do pecado em suas almas. Com isso, “desde o fim do século XI, um número cada vez maior de homens religiosos esforçava-se por desenraizar esses vícios da alma feminina, com a intenção primordial de atenuar-lhe a nocividade de desarmá-la, de melhor proteger os homens” (DUBY, 2013, p. 218). Podemos, então, observar que para esses homens

as mulheres simbolizavam o elo mais fraco da corrente de fé e pureza que fortificava a Igreja, a parte que primeiro cairia nas tentações que surgissem para desafiar sua fé na cristandade, desviando-se do caminho da salvação e, mais que isso, levando-os também a se desvirtuar. Logo, eles insistiam em condicioná-las a um papel da submissão.

É importante ressaltar que a cultura da sociedade medieval do século XII estava solidificada nos costumes feudais que, por sua vez, eram dominados pela cristandade. Também nos é evidente que trata-se de uma sociedade patriarcal, uma vez que os lugares de poder e prestígio (como o clero) cabiam aos homens nas diferentes camadas sociais. Os discursos construídos pelos homens da Igreja atuaram como direcionadores culturais na criação de dispositivos de controle para exercer domínio sobre o feminino, refletindo ideais da sociedade daquele período, que ao buscar a restauração da moral cristã, enxergava na sexualidade uma grande barreira. Conforme Ludmila Portela (2017, p. 269):

A naturalização das identidades de gênero pela religiosidade dominante, no ambiente europeu medieval, viabilizou a produção de instrumentos de legitimação da autoridade masculina. Essa tendência à naturalização leva em conta o que se espera de antemão acerca do comportamento de um indivíduo, tomando-se como base sua anatomia biológica. Generaliza-se, pois, o comportamento feminino como propenso ao mal, fraco, pecaminoso, em oposição ao comportamento masculino benevolente, forte, reto em sua relação com Deus. O ápice da representação da natureza torpe da mulher está em seu ímpeto sexual irrefreável que, quando sem controle, provoca o homem ao pecado.

Por considerar que as mulheres eram o elo mais fraco da corrente de pureza cristã, os discursos clericais passaram a observá-las de perto, aumentando a discussão sobre elas e do que se esperava delas. Como forma de controle, passam a adotar idealizações de modelos femininos, justificando-os através da culpa feminina. De acordo com Duby (2013, p. 201):

A Igreja decidiu colocar a sexualidade sobre seu controle. [...] Restavam às mulheres, o perigo, já que tudo girava em torno delas. A igreja decidiu subjugar-las. Com esse fim, definiu claramente os pecados que as mulheres, por sua constituição, tornaram-se culpadas

Esses pecados eram os chamados pecados “da carne”, os pecados sexuais: “a ideia de que o sexo é a fonte de pecado é uma característica da cultura ocidental. [...] Interrogava-se sobre o lugar a ser ocupado pelas mulheres ‘na sociedade perfeita’” (COSTA, 2012, p. 55). Dessa forma, a Igreja tornou o matrimônio um sacramento, transformando-o em um dispositivo de controle sobre o feminino e, assim, encontrou a possibilidade de regular as relações da sociedade medieval. Segundo Márcia Maria Leite (1999), ao se traçar a evolução da prática do casamento como sacramento, se considerou sua função como posicionador da mulher na chamada “boa sociedade”.

Para o êxito deste projeto de virtuosidade, as mulheres deviam em primeiro lugar aprender a manterem-se obedientes. Todas as que fugissem a esse padrão tendiam a ser reprimidas. Mas, além disso, o que as fazia seguir esses padrões? Acreditar na recompensa divina da salvação era uma possibilidade, já que a vida não era fácil, especialmente para elas, “as armas para enfrentar esta batalha constante no cotidiano difícil da vida na Idade Média feudal foram dadas pela Igreja: orações, exorcismos, sacramentos, amuletos protetores” (CALAINHO, 2014, p. 112). Desde que nasciam eram condicionadas a aprender isso, a Igreja tinha os caminhos mais

corretos para se seguir, o melhor para ensinar. Até mesmo uma mulher instruída poderia ser sinônimo de perigo, “uma moça deveria, isso sim, saber fitar e bordar” (MACEDO, 1999, p. 25). Afinal, uma mulher que sabia fitar e bordar já poderia preparar seu próprio enxoval de casamento e dos futuros bebês.

Uma mulher que seguisse à risca a doutrina cristã tinha de ser uma boa esposa e uma boa mãe, pois, apesar de submissa, detinha um papel muito importante na sociedade, bem além da procriação, como nos é revelado a partir da literatura medieval: a mulher ao reinar no lar, ocupava o centro da sociedade (MACEDO, 1999). Os homens não só reconheciam a importância das mulheres, enxergavam-as como um tipo de ameaça para eles, visto isso, usaram de dispositivos de controle dentro do cristianismo para limitar o poder e a influência das mulheres dentro da sociedade medieval.

Uma das principais formas de domínio sobre a mulher através do casamento cristão era o controle do corpo e da sexualidade. Ao analisar o *Livre des manières* [Livro de boas maneiras] de Étienne de Fougères, autor do século XII, Georges Duby (2013, p. 203) aponta que:

É pelo casamento, com efeito, que a mulher desse tempo tem acesso a existência social. Antes, ela não é nada: ‘mesquinha’, a esse termo nos ficou designada a moça do século XII. É também o casamento que, pela vileza da esposa, amor, fermento dá desordem, vem a se desagregar. É, enfim, no quadro do casamento que a moral ensina a servir-se convenientemente de um corpo feminino.

Foi construída a premissa de que para se realizar um casamento era necessário, primeiramente, um homem e uma mulher, porém, esta mulher deveria ser pura, virgem, pois, “começaram a considerá-lo criação divina. Não deveria ser realizado pelo estímulo à luxúria, mas pelo desejo da procriação. Antes das núpcias, a virgindade deveria ser mantida” (MACEDO, 1999, p. 17). A partir dessas exigências, do matrimônio começou a surgir um modelo de mulher representado por um arquétipo feminino que apresentaremos mais adiante.

Além disso, o clero afirmava ainda que, “como todos os maridos da Terra, Cristo as prefere intactas, evidentemente. A virgindade constitui a honra das famílias, constitui o valor das ‘prometidas’. Por isso os bispos preferem as religiosas virgens” (DUBY, 2013, p. 225) Assim, permaneciam até o casamento e continuavam para o resto de suas vidas se decidissem ou fossem condicionadas a seguir a vida religiosa, visto que os conventos eram um dos principais lugares para onde mandavam-se as moças, para serem educadas pelas doutrinas da Igreja ou mesmo servindo como “prisões” para mulheres tidas como rebeldes ou audaciosas.

O vício da alma feminina ao qual a Igreja se referia era justamente o sexual, o que Georges Duby (2013) chama de *campos de culpabilidade*, e destaca dois, o mágico e o sexual. Este sendo o segundo campo que mais nos interessa nessa discussão, tendo em vista que nesse período acredita-se que a mulher não oferecia perigo quando se mantinham passiva e submissa aos homens, “pecadora, a mulher o é apenas quando sai de seu papel, conseguindo ela própria seu prazer. Quando se faz homem” (DUBY, 2013, p. 197). De modo geral, mais do que no sexo, ser sempre obediente a qualquer homem que a cercasse era uma das “regras” mais indicadas a ser seguida. Quando uma mulher pensava ou tentava fazer diferente disso, ela acabava por se “fazer homem”, ou seja, quando passou a ocupar um lugar socialmente entendido como pertencente ao gênero masculino, o que era totalmente inaceitável porque desafiava a autoridade masculina, uma vez que, segundo o

discursso da Igreja, a mulher foi feita para servir ao homem, em uma qualidade inferior e jamais igual a ele.

Recusando a esse papel modelar de inferioridade e submissão, a mulher era vista como uma desordeira, automaticamente culpada. Para continuar a promover a transformação da sociedade do século XII, com o intuito de instaurar a ordem pública, a Igreja decidiu tornar as mulheres culpadas pela falta da moral social almejada, porque dotavam artifícios para o pecado que “naturalmente” seduziam os homens ao erro, como apontou Duby (2013).

Se acreditavam que existia culpa, a mesma tinha que recair sobre alguém e não recaía tanto sobre os homens quanto nas mulheres até porque eram os próprios homens quem julgavam onde a culpa veio a surgir, então jogaram-na sobre as mulheres. De acordo com Delumeau (1993, p. 314), “o homem procurou um responsável para o sofrimento, para o malogro, para o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher”. Afinal, ainda que o homem tivesse também provado do fruto proibido, não foi ele quem provou primeiro. Não que os homens também não carregassem alguma culpa, a historiografia nos mostra que sim, mas “é mais pesado na mulher o peso da sexualidade, isto é, do pecado” (DUBY, 2013, p. 211). Dentro dos discursos da Igreja, sempre trata-se da mesma desculpa para culpar alguém, ainda mais quando esse alguém é a mulher. Segundo o discurso teológico, é a mulher a culpada pelo pecado original.

Fica, assim, em evidência que os clérigos cristãos tiveram grande parcela na responsabilidade da construção de sentidos para o lugar social da mulher no século XII, o que é expressado através da criação de modelos femininos idealizados pelos homens. Compreendemos, assim, que os modelos femininos predominantes no período estudado emergiram de discursos da Igreja, idealizados por homens que constituíam o clero embasados em representações de mulheres presentes na discussão teológica do cristianismo. Entretanto, ainda que a influência da Igreja estivesse sempre presente em diferentes espaços da sociedade, no cotidiano do século XII, as mulheres não estavam sempre na Igreja, que ia até elas através de um dos seus sacramentos, o matrimônio.

Ao mergulhar nos estudos de Georges Duby, a autora Mácia Maria Leite (1999, p. 42) pontua que, “a instituição do matrimônio é descrita nos seus estudos como um código regular inserido nas relações culturais da sociedade medieval. Ao traçar a evolução da prática do casamento, considerou a utilidade e a sua função na chamada ‘boa sociedade’”. Ou seja, o matrimônio foi usado como ferramenta fundamental para reinstaurar a moral cristã na sociedade. Foi justamente no século XII que o matrimônio foi tornado um sacramento, para também justificar a sua obrigatoriedade de forma que “a Igreja, na metade do século XII, acabava de fazer do casamento um dos sete sacramentos a fim de assegurar seu controle” (DUBY, 2013, p. 17-18). Era uma forma de estar sempre presente na vida cotidiana das mulheres, usando o casamento como um dispositivo de controle sobre o corpo feminino, pois “a direção ou governo ficavam reservados ao homem, cabendo a mulher a submissão. Era a concepção comum dos clérigos” (MACEDO, 1999, p. 19). Após casar-se, a mulher estava condicionada a se submeter às vontades de seu marido, a ser sempre submissa e tornar-se esposa e mãe, assim como foi a Virgem Maria.

Le Goff (2010) e Duby (2013) concordam, assim como diferentes autores e autoras da historiografia medieval, que tanto o culto mariano quanto o culto madaleniano nasceram e ganharam força durante o século XII por toda Europa medieval, sendo o primeiro referente ao modelo da Virgem Maria e o segundo ao de Maria Madalena. Enquanto o modelo da Virgem surgiu como ideal de perfeição, foi no

modelo de Madalena que se enxergou a possibilidade de uma ponte entre o pecado e a salvação para as mulheres que iriam segui-lo, a partir do que se livrariam de seus pecados e encontrariam a redenção. Esses são os modelos femininos idealizados e que discutiremos ao longo deste artigo.

Consideramos que, se existiam modelos a serem seguidos, havia de existir uma referência do que não se fazer, o modelo a não se seguir, que é representado por Eva, a portadora do pecado original. No cristianismo, o referencial positivo não existe sem o negativo. Cada um dos três modelos que surgiram depende do outro para existir. Portanto, agora que já compreendemos como foram criados os modelos femininos idealizados na Idade Média cristã do século XII, vamos discutir quais os objetivos que buscavam alcançar através deles, bem como sobre quais dispositivos de controle estes encontravam-se constantemente diante das mulheres cristãs, podemos, nas próximas páginas desta pesquisa apresentá-los de forma mais minuciosa.

2.1 De um caminho sem volta a um rumo sem perspectiva de chegada

A relação entre bem e mal costuma mostrar-se muito estreita. O discurso da Igreja do século XII a colocou como exemplo para ditar o que considerava certo e errado. Com base nesta perspectiva, a literatura cristã apresenta diferentes conceitos de mulher, dentre eles, dois que parecem completamente opostos, mas que são ao mesmo tempo muito próximos: a mulher má e a mulher perfeita. Ora, se existiam modelos idealizados a se seguir, tinha de existir algum modelo pensado e construído para não ser seguido.

O princípio do “mal feminino” vem da primeira mulher, Eva. Segundo o livro de Gênesis (2, 18-25), ela é a primeira mulher criada por Deus, a partir da costela de Adão e como parte do homem, ela veio ao mundo para lhe fazer companhia. A historiografia confirma que ela aparece como “um dos modelos representativos do feminino de maior alcance ao longo da tradição eclesiástica medieval diz respeito à afirmação da mulher enquanto herdeira direta de Eva, culpada pela expulsão do paraíso, grande signatária do pecado original” (PORTELA, 2017, p. 263).

Ao enxergar nas mulheres a imagem de Eva, busca-se inseri-las na sociedade através da culpa. De acordo com DUBY (2013), quando se trata dessa visão no medievo do masculino sobre o feminino:

A maldição vem de longe, da criação do mundo. Quem, de fato, entre os cavaleiros não reconheceria, uma vez ou outra, na esposa deitada a seu lado, os traços dessa mulher cuja imagem era mostrada por toda parte, associada a morte, a perdição a esse pecado, para ele o pior, talvez o único, o único em todo caso de que as reações de seu corpo o persuadiam, o pecado da carne? Qual deles não tinha um dia reconhecido Eva? (DUBY, 2013, 203).

Vimos como Eva era considerada culpada pela queda do homem em tentação através do pecado original, pecado inicialmente de orgulho (intelectual), transformado em pecado sexual, como já problematizado. Se todas as mulheres eram suas filhas, carregavam consigo a herança da culpa. Isso fazia com que todos os percalços do caminho para a salvação se aproximassem dela. Eva não era a semelhante mais próxima de Deus, mas sim o homem.

A mulher, como o homem, é dotada de razão; no entanto, a parte animal, desejosa, predomina nela; [...] o homem domina, intermediário entre Deus, [...] a mulher é oriunda dele, portanto lhe é substancialmente semelhante;

mas, sendo apenas uma pequena parte dele, naturalmente lhe é sujeita? (DUBY, 2013, p. 208).

O que Duby chama de “parte animal” trata-se justamente da sexualidade, que segundo os discursos da Igreja põe em risco a moral, além de tornar a mulher perigosa para a humanidade. Já ao que o autor se refere como “parte racional”, diz respeito à dedicação espiritual. Partindo da discussão teológica, no homem “o racional, portanto o espiritual, prevalece” (DUBY, 2013, p. 208).

Para os clérigos do século XII, “a mulher é Eva, portanto, o perigo. Não por ser limitada, crédula, em primeiro lugar. Mas porque, como a companheira de Adão, a mulher incita os homens a gozar oferecendo-lhes o fruto proibido” (DUBY, 2013, p. 241). Portanto, “precisava” ser controlada. O discurso da Igreja admite que a mulher é racional, mas, usando o modelo de Eva como exemplo, colocando-a como portadora de uma racionalidade frágil. Reconhecendo-a como “naturalmente” inferior ao homem, e buscando tornar esse discurso uma justificativa para a autoridade masculina sobre o feminino. Por não ser igual ao homem, mas “parte” dele, deveria também estar sempre ao alcance do seu controle. Sobre esta perspectiva, acrescenta Portela (2017, p. 267):

Como segundo o Gênesis o corpo do homem veio do pó e tornou-se carne, toda carne é propensa a podridão, a profecia de Adão torna-se, nas mãos dos eruditos da Idade Média, uma justificativa para a tentativa da Igreja em governar a sexualidade dos fiéis, garantindo a ordem e o controle da carne, inclusive no cenário conjugal. A mulher é também a esposa, a dama, e encontra no controle que o homem exerce sobre ela a maneira de manter-se afastada dos pecados próprios de seu instinto.

Mas, será que no paraíso foi assim? Pelo que sabemos Eva não se manteve afastada, na verdade, acabou por aproximar-se demais e ainda foi acusada de trazê-los para o mundo quando se atreveu a “pensar além de Adão”. Eva quis conhecer mais do que estava ao seu redor (talvez por ingenuidade?), se aventurou a sair sozinha, não se manteve calada, atreveu-se a falar e falou tanto que conversou com a serpente (o diabo) que a convenceu a comer do fruto proibido do jardim do Éden. Eva, nesta narrativa, será apresentada como a primeira a ver o mundo sem a venda da inocência e pureza, tão exautadas pela Igreja no século XII, a primeira a pecar e, além disso, “seduziu” Adão a também pecar, por isso,

Eva era considerada a responsável pela queda da humanidade em pecado, assim sendo, foi por meio dela que a mulher passou a ser considerada uma criatura maléfica, repleta de vícios, capaz de levar o homem à perdição; como um ser que não possui temor (SILVA, 2014. p. 75).

Assim, através do pecado original, todas as “descendentes” de Eva carregaram como herança os vícios de sua alma pecaminosa. Herdaram também os castigos; foi através do pecado original que Eva também passou a sofrer as consequências de sua aventura “— a dominação do esposo sobre ela e as dores do parto eram vistos como seu castigo” (MACEDO, 1999, p.19). É sobre Eva que cai a culpa da submissão das mulheres aos homens, mas principalmente ao seu esposo, o que se concretiza com a realização do casamento. Portela (2017, p. 263) argumenta que:

Desde o período de afirmação do cristianismo no Ocidente o livro de Gênesis ocupou lugar de destaque nas discussões teológicas clericais. Os escritores cristãos, entre eles Paulo em seus escritos destinados aos Coríntios, basearam sua argumentação na existência de uma “superioridade natural do

masculino” verificada tanto no momento da Criação quanto na fraqueza de Eva quando esta é tentada pela serpente diabólica.

Compreende-se assim que os clérigos transferiram para Eva o peso das frustrações da humanidade e todos os perigos das fraquezas humanas para as mulheres, visto que “no final das contas, os padres valiam-se das palavras de Eva, de seus gestos, da sentença que a condenou, para transferir o peso do pecado ao feminino, a fim de retirar a sua carga dos homens” (DUBY, 2013, p. 218). Adão também comeu do fruto, os homens também tinham sua parcela de culpa, mas o julgamento feito pelos clérigos (homens) os colocou como “cúmplice seduzido” e condenou uma culpada, Eva. Assim como ela, suas descendentes carregariam as condenações, os devidos perigos de alma vindos no “pacote”, “naturalmente”.

Agora falemos mais sobre o pecado original. O que de tão terrível Eva fez para ser condenada e fazer com que todas as mulheres da humanidade carregassem a herança de sua culpa? Segundo Le Goff (2010, p. 57), “o pecado original, pecado de orgulho, de desafio intelectual a Deus, é transformado pelo cristianismo medieval em pecado sexual”. Duby (2013, p. 213) também defende que,

Eva, não é mais acusada de orgulho. Pesa sobre ela a segunda das tendências más denunciadas por Santo Agostinho, a vontade de prevalecer sobre o homem, contra as disposições do Criador e, sobretudo, a leviandade, realidade, enfim a sexualidade.

O cristianismo tratou de transformar o pecado de orgulho em pecado sexual, visto que “o sexo é a primeira preocupação dos prelados. Como retornar ao Paraíso do qual nossos primeiros pais foram expulsos? Pela castidade [...] o pecado de Eva é o pecado da carne” (DUBY, 2013, p. 244). A Igreja traz Eva enquanto reflexo dos “vícios da alma feminina”, os quais devem ser banidos da sociedade em que é idealizada.

Para as mulheres cristãs, restava fugir do que diziam que elas eram, renegando sua mãe (Eva) o quanto pudessem, porém era impossível fugir dos castigos divinos a elas reservados, pois, “por seu veredicto, o criador ofendido rebaixou Eva e todas as suas filhas” (DUBY, 2013, p. 114). Disseminavam o discurso de que a mulher era inferior ao homem e, além disso, devia ser temida, porque tinha os atrativos necessários para levá-lo à ruína. Ao cometer o pecado original, Eva traçou um caminho sem volta para todas as mulheres diante de sua condenação. Se no século XII o “pecado do momento” era o pecado sexual, os clérigos não mediam esforços para combatê-lo e assim reinstaurar a ordem através da moral cristã.

Para a cristandade, o que incomodava no feminino é o fato de que sua sensualidade era fonte de reprovação e um obstáculo para o controle da sexualidade dentro da sociedade. Entretanto, esse mesmo feminino só incomodava porque tinha uma grande força. Era necessária uma representação feminina cristã que “limpasse” a imagem da mulher (enquanto representante de Eva) e atraindo e deixando mais confortável os que sentiam falta do sagrado feminino na cristandade.

Foi, pois, “ao longo do século XII, que a Igreja começou a levar seriamente em conta a expectativa das mulheres. Sentiam-se abandonadas e pediam que melhor as ajudassem a caminhar rumo à salvação” (DUBY, 2013, p. 185). Para preencher essa lacuna e falta do “sagrado feminino” surgiu em contraponto com Eva o “modelo ideal” da Virgem mãe. O profano ficou representado por Eva, já a santidade foi encontrada na virgindade de Maria. A promoção da mãe de Jesus foi também a promoção da virgindade e do casamento, visto que “os dirigentes da Igreja, pensavam ser necessário impedir a mulher de causar danos, por isso, era preciso casá-la. A mulher

perfeita é a mulher que serve e teme os homens” (COSTA, 2012, p. 55). A Virgem é o modelo da mulher temente, submissa, a virgem mãe, o modelo de perfeição, porém humanamente impossível de ser alcançado por qualquer indivíduo do gênero feminino.

O crescimento do culto à Virgem Maria teve responsabilidade exemplar e atrativa, era esta a representação da mulher perfeita que veio para ser fonte de redenção. “Tal culto valorizou a virgindade como forma de consagração a Deus, sensibilizando, a partir da imagem de Maria, milhares de jovens a ingressarem nas instituições religiosas católicas” (SILVA, 2014, p. 73). Eva é a protagonista do pecado e Maria, a provedora da salvação. “A Virgem é um elemento essencial da encarnação e desempenha um papel cada vez maior nas relações entre os homens e Cristo” (LE GOFF, 2010, p. 112). Dessa forma, observa-se que é inegável que o poder e a influência da cristandade sobre a cultura medieval no século XII. Maria tem o “maior” *status* feminino e é descrita como dama por excelência. Conforme Silva (2014, p. 75):

A partir do século XII, com a ampla difusão do culto mariano, a imagem de Maria surge como a redentora da humanidade por meio do nascimento de Cristo; considerada única e sem exemplo anterior. A Virgem Mãe era tomada como modelo de pureza e santidade a ser seguido. A figura de Maria faz oposição à figura de Eva: a primeira é a mãe de todos aqueles que vivem pela graça (buscam a santidade), é a imagem da virgindade. Já a segunda é a mãe de todos aqueles que vivem e morrem pela natureza/carne (levam uma vida pecaminosa).

A Virgem, mãe de Jesus, tornou-se a mãe dos cristãos que escolhiam seguir os caminhos da cristandade, vivendo de acordo como seus princípios. Eis a “chance” para as mulheres não serem mais tão mal vistas e terem maior possibilidade de redenção. Afinal, “pela disciplinarização da sexualidade e pela tentativa de controle do pecado determinava-se os papéis sociais e modelos de conduta específicos das relações de poder características daquela sociedade” (PORTELA, 2017, p. 256). Com o discurso acerca de Eva (culpada) tentava-se justificar a posição “natural” de superioridade do homem em relação à mulher. Segundo Márcia Maria Leite (1999, p.12), a teoria agostiniana reconhecia que a mulher tinha uma parcela de razão, porém deveria ser orientada pelos homens. A criação do culto à Virgem veio para reforçar não só esse discurso, como também para salientar que para estabelecer a moral da sociedade “era preciso” ter domínio sobre o corpo feminino mesmo antes da realização do matrimônio. Ludmila Portela (2017, p. 248) aponta que:

A virgindade feminina é uma obsessão familiar e social. A mulher solteira deve preservar-se das investidas masculinas e observar rígidas regras de conduta social. Deve primar pelo casamento e pelo cumprimento de seu papel social, a maternidade. Objeto de desejo e aversão, a relação de autoridade do homem em relação à mulher na Idade Média assenta-se sobre o princípio do controle: sem tutela masculina, a mulher transforma-se em risco social, dada sua natureza pervertida e descontrolada.

Ou seja, para os discursos da Igreja, o controle do corpo feminino era também o controle da sexualidade e a solução para reinstaurar a moral na sociedade cristã. Condicionar as mulheres a seguir o modelo da Virgem Maria, para eles, era uma possibilidade encantadora, pois “da mulher eram exigidas duas virtudes: constância e virgindade. Tratava-se de uma moral privada, doméstica” (COSTA, 2012, p. 45). Os discursos da Igreja estão arraigados no cotidiano das mulheres, à mulher solteira, sobre a tutela do pai, deveria se manter virgem até ser entregue a tutela do marido.

Daí surgiu a necessidade da Igreja em transformar o matrimônio em sacramento. Após a consumação do mesmo, esse serviria de dispositivo de controle para assegurar a perpetuação do modelo de boa esposa (submissa) e boa mãe, tal como a Virgem Maria. Solidificou-se a ideia de que a mulher deveria afastar-se de Eva, representante do pecado original, que condenou toda a humanidade, e aproximar-se da inalcançável e sempre obediente Virgem Maria que trouxe a redenção. “É este comportamento ideal que Maria encarna enquanto modelo perfeito de mulher e que, segundo o discurso da Igreja, desejavelmente as restantes mulheres cristãs deverão imitar” (MOTA-RIBEIRO, 2000, p. 18), a fim de tornar-se a “mulher perfeita”. Mas, existe um porém: o modelo da Virgem é uma “edição limitada”. Exclusivo como é sempre exaltado como único e sagrado pelos próprios clérigos, e, portanto, inalcançável.

A mulher cristã do século XII foi herdeira de Eva ao mesmo tempo em que tentou aproximar-se de ser como Maria. Eva “se afirma na sua natureza pecaminosa por contraste à natureza perfeita e inatingível de Maria” (MOTA-RIBEIRO, 2000, p. 07). A Virgem mãe mostrou um novo rumo, sem perspectiva de chegada. A principal prova que assegura o quão único é o modelo da Virgem Maria é a sua pureza eterna, não à toa é chamada Virgem, pois assim ela teria permanecido, segundo ao discurso teológico, mesmo após dar à luz ao menino Jesus. Assim sendo, “o desenvolvimento do culto à Virgem só irá acentuar – na medida que exalta a mulher excepcional, para a qual a sexualidade foi uma eterna ausente – a desqualificação da condição feminina” (NOGUEIRA, 1991, p. 16) A virgem nunca teria cometido o chamado “pecado da carne”, consolidando, assim, seu exemplo único de santidade feminina que foge à natureza pecaminosa atribuída a todas as outras mulheres.

Portanto, se pelos princípios da Igreja não se pode ser como Eva, ser como a Virgem é passível e recomendável como algo a ser almejado, mas impossível. Restava então às mulheres cristãs arrepende-se de seus desejos, de seus pecados. Ao distanciar-se de Eva e sem poder alcançar um lugar como o de Maria, as mulheres ficavam, assim, mais próximas de outro modelo, o de Maria Madalena, que representava a mulher arrependida e redimida, tendo em vista que a Virgem Maria é um modelo feminino inalcançável.

2.1.1 A meio caminho, (re)constrói-se uma ponte de penitências

Além do Mariano, outro culto teve grande crescimento no século XII, o madaleniano. Maria Madalena, ao nosso olhar, é um terceiro modelo feminino oferecido pelo cristianismo. Um modelo que seria mais acessível de seguir, uma vez que era impossível alcançar o nível modelar da Virgem. Pelo exposto antes, compreende-se que a Virgem Maria torna-se um ideal de devoção, mas bem distante da realidade de todas as mulheres, pois, “todas as mulheres são identificadas como Eva e percebidas como suas filhas pecadoras por natureza, Maria eleva-se a um estatuto de perfeição inatingível para as restantes mulheres e é considerada o único exemplo do seu tipo” (MOTA-RIBEIRO, 2000, p. 14). Sempre obediente, mostra-se a sagrada Virgem, tornando-se ela o exemplo a todas às mulheres cristãs. Uma mulher capaz de entregar-se totalmente ao divino e permanecer sem pecado, enquanto que sua antepassada Eva, como já visto, seria responsável pelo pecado, a representante do profano e do perigo da condenação pelos prazeres carnis (o sexo). Silvana Mota-Ribeiro (2000) pontua, ao analisar esses modelos, que:

assumiremos Eva como aquilo que a Igreja define que a mulher é e Maria [a Virgem] como um modelo de virtudes daquilo que a mulher deveria ser. É essencial constatar que as características de Maria a tornam um modelo

inatingível para qualquer ser humano do gênero feminino (MOTA-RIBEIRO, 2000, p. 07).

Nessa linha de raciocínio, se o exemplo de mulher perfeita representado pela Virgem Maria é impossível de ser seguido em sua plenitude então, o que se consegue alcançar? As mulheres “devem” arrepender-se de seus pecados, “naturalmente existentes”, uma vez que são todas filhas de Eva, a redenção virá ao seguir os passos de Maria Madalena, aquela que se encontra entre Eva e a Virgem Maria.

Madalena representa uma filha de Eva totalmente arrependida de seus pecados e, por isso, mais próxima da mãe de Cristo, “eis que entre essas duas mulheres, a meio caminho, posta-se Madalena, acessível, imitável, pecadora como todas as mulheres” (DUBY, 2013, p.26). É um modelo construído para se encaixar as mulheres comuns. Mais precisamente para pensar a relação tida como natural entre o pecado e o feminino, Guizzo (2005, p. 76-77) aponta que:

Elas [as mulheres] estão marcadas pelo pecado original e são exemplos de impureza. Apenas Maria, a mãe de Jesus, tem o seu status inalterado, passando a englobar em si todas as características positivas dos mistérios femininos. E a imagem de pecadora vai se consolidando, amalgamando dois ou três personagens bíblicos femininos diferentes no perfil de Maria Madalena.

A imagem de Madalena é construída como de uma mulher pecadora quase destacada por ter se arrependido, se redimido, livrando-se da culpa através da penitência. Existe o relato bíblico de que ela foi liberta até mesmo de demônios. Mas, possessão não é pecado, por que seria então pecadora? “A referência aos demônios dos quais Maria Madalena foi libertada, entretantes, foi utilizada para a criação da Madalena prostituta, eterna penitente arrependida.” (GUIZZO, 2005, p. 74). Assim, ela representa a imagem de uma mulher que apesar de ter cometido o pecado mais repudiado, o sexual, foi perdoada. O adjetivo “prostituta” foi atrelado à Madalena pela primeira vez no século VI, mas consolidou-se mesmo no século XII. Segundo Guizzo (2005), essa interpretação foi feita pelos clérigos através do Evangelho de Lucas (7, 36-38) e, ao fazer uma análise do texto, esta autora pontua:

Ressaltemos o fato que, nenhum momento, o texto diz tratar-se de uma prostituta, mas de uma pecadora. Este termo pode ser utilizado para qualquer pecado moral, não necessariamente um pecado “da carne”. Por trás da afirmação de que era uma prostituta temos um preconceito e um fato histórico. Um preconceito, quando se presume que o pecado da mulher deveria estar ligado ao sexo; um fato histórico porque, dentre os judeus daquela época, apenas as prostitutas usavam seus cabelos soltos. As demais mulheres usavam seus cabelos presos em sinal de respeito, e não os exibiam em público. A consequência disso seria que apenas uma prostituta soltaria seus cabelos para lavar os pés do Cristo (GUIZZO, 2005, p. 77-78).

Apesar das controversas interpretações acerca de Madalena (talvez propositais pra construção de um modelo imitável?) e de ser citada apenas doze vezes nos textos canônicos oficiais, dezoito se contar as repetições, Maria Madalena é, segundo a historiografia, a mulher que mais se destaca nos evangelhos, além de seus milagres, como devolver a visão aos cegos, fala aos mudos e movimento aos paráliticos (milagres que o próprio Jesus realizou). No século XII, foi fortalecida pelos membros da Igreja a tese de que o que contribuiu para a santificação de Madalena foi a renúncia aos prazeres da carne e a própria renúncia de si pelo amor que sentia por Jesus, “encorajando-a a se afastar do mundo carnal [...], a esquecer ela própria seu corpo de

juntar-se ao coro dos anjos em postura amorosa, a fim de melhor cumprir sua missão de ensinamento” (DUBY, 2013, p. 31), principalmente dos prazeres da carne.

Nesta perspectiva, a missão de Madalena nesta perspectiva foi a de provar que se pode renunciar aos pecados, principalmente o pecado carnal (sexo), que para os discursos da Igreja era justamente o que tornava as mulheres tão “pecaminosas” e “perigosas” aos homens. “A imagem inicial de discípula de Jesus e mestra vai sendo desconstruída e paulatinamente substituída pela prostituta e penitente” (GUIZZO, 2005, p. 10). Segundo DUBY (2013), com quem concorda LEITE (1999), as práticas penitenciais passaram então, como no caso de Madalena, a serem usadas para garantir a compostura feminina, agindo como corretoras dos pecados pelos quais as mulheres eram consideradas “naturalmente” culpadas. De todas as mulheres,

Mais perigosas ainda, as prostitutas podem, porém, elas também, ser tiradas da objeção, salvas. Maria Madalena não o foi? Libertada de sete demônios, resgatada pela penitência, e tão perfeitamente que tem lugar de honra no céu, mais gloriosa que todas as mulheres, à exceção da Virgem Maria (DUBY, 2013, p. 241).

A penitência era o que precisavam para reinstaurar a moral cristã, uma vez que, “a compostura feminina deveria ser assegurada a qualquer preço, inclusive por penitências, pois a honra doméstica dependia, em larga escala, da conduta das damas” (LEITE, 1999, p. 44). Portanto, mais que pecadora e prostituta, Madalena é penitente.

Assim, se consolida como o modelo mais acessível de ser seguido pelas mulheres, o que não queria dizer que fosse o caminho mais fácil, pelo contrário. Maria Madalena, é, segundo a historiografia, a Eva redimida, também (re)conhecida como a prostituta arrependida ou a pecadora penitente. Entretanto, se fossemos pensar Madalena em apenas uma palavra, seria a palavra “penitência”. Para se livrar da culpa, aproximar-se do modelo da Virgem e alcançar a salvação tão desejada pelo cristianismo, Madalena teve que penitenciar-se. Reforçou-se, assim, a possibilidade de inserir as mulheres na sociedade a partir da culpa. Já que as mulheres carregam a culpa por natureza (por serem todas filhas de Eva), devem buscar a santidade e livrar-se da culpa através das privações, da penitência, como fez Madalena, caso contrário, para o cristianismo, continuariam a ser a própria representação do mal. Percebemos aqui a ponte (re)construída sobre penitências entre os dois modelos opostos de Eva e da Virgem, com também entre o céu e o inferno, abrindo passagem para a Salvação. Trata-se de uma reconstrução, porque outro projeto, de tão perfeito (o da Virgem), não pôde ser realizado. Segue o “exemplo de Maria Madalena como a prostituta que se arrependeu, e só por isso foi curada, passando o resto da vida em penitência. Esse exemplo foi utilizado como forma de demonstrar que o povo necessitava de fé e penitência” (GUIZZO, 2005, p. 81). Ora, se para o clero existia culpa, só a penitência poderia dar credibilidade para o arrependimento sincero, esse caminho/ponte abriria as portas para a tão sonhada salvação, assim como para a desejada moral cristã.

No entanto, continuava a cair sobre as mulheres um peso maior que o suspenso sobre os homens, porque “no século XII [...], a expansão das práticas de penitência íntima torna mais urgente a pergunta: o que é o pecado? Onde ele está? Na mulher mais do que no homem, respondem os eruditos: lede a Bíblia” (DUBY, 2013, p. 213). E agora perguntávamos: qual a solução encontrada pelos clérigos para resolver esse problema? Como reinstaurar a moral?

Segundo Dirce Guizzo (2005), quando a virgindade passa a ser encarada pela Igreja não mais apenas no seu aspecto espiritual, mas principalmente no aspecto físico. Maria, mãe de Jesus, tornou-se, então, o paradigma da perfeição espiritual e Maria Madalena um exemplo de mulher portadora de pecado que, para redimir-se, precisou de eterna penitência, ou seja, quando a Igreja passou a ansiar pela restauração da moral a todo custo, e acreditava que a principal barreira era o controle da sexualidade, é na imagem de *pecadora penitente* de Madalena que a mesma busca exemplificar a mulher não virgem, não casada ou que vive em pecado. Sendo assim, resta “que a moça arrependa-se [...]. Cristo a chama. Ele a aceitará de novo, se não virgem, pelo menos casta. Evidentemente decaída. Mas talvez consiga estabelecer-se mais alto que muitas donzelas ‘se renunciar ao mundo’...” (DUBY, 2013, p. 225). Mesmo a mulher mais impura, ao arrepender-se, penitenciar-se e dedicar-se à vida religiosa (deprimindo sua sexualidade), receberá a promessa de salvação, assim como o exemplo da *prostituta arrependida*, dando força ao culto à Madalena. Conforme Márcia Maria Leite (1999, p. 47):

Maria Madalena estava viva no Imaginário coletivo dos medievos. É relatado o sucesso da peregrinação e do culto madaleniano, sacralizado nesse contexto reformista em atendimento a diversas necessidades, em particular, às da Igreja cristã. Do intuito de erigir o ideal de mulher arrependida, bem-aventurada, penitente, adoradora e temente a Deus, reclusa e afastada do mal maior, o sexo - Os sermões, os escritos lendários e outros documentos que contam sobre a vida de Madalena assumem grande importância. O seu culto era fomentado para reprimir o pecado sexual, para conter os exageros mundanos; buscava-se, assim, exortar a conduta ideal de mulher, insistindo no saneamento moral e na exclusão social das chamadas “mulheres lastimáveis” (as prostitutas).

A mácula sexual é o que se busca por fim. A prostituta deve arrepender-se do aspecto terrível de mulher tentadora, que envolve os homens e os leva ao pecado como Eva teria levado Adão a pecar. Essa mulher é prova de que uma alma cheia de pecado pode se redimir, “desde o final do século XII, mulheres, em número cada vez maior, escolhiam imitar os gestos de Madalena: viviam afastadas do mundo, penitentes, chorando, fingindo alimentar-se unicamente, elas também, do pão dos anjos” (DUBY, 2013, p. 35-36). As lágrimas tornam-se assunto comum ao se falar de Madalena, lágrimas de dor pela perda do Cristo crucificado, lágrimas de arrependimento pelos seus pecados, lágrimas de sofrimento penitencial. Para Costa (2012, p. 54) evidencia que:

Madalena aparece como pecadora e depois, pregadora gloriosa. Ela oferece o seu testemunho por meio das lágrimas. O último ponto, central, da versão é que Madalena passou por todos os vícios. Ela consegue perdão devido à sua esperança e ao seu temor. Maria Madalena faz a experiência da penitência e da submissão. Ela exerce contra seu próprio corpo uma “violência voluntária”

Além disso, Maria Madalena é, segundo aos textos canônicos, a primeira testemunha da ressurreição de Cristo. Essa é a prova apresentada pelos discursos eclesiais de que suas penitências foram recompensadas por uma grande graça. Segundo Guizzo (2005, p. 28), ao testemunhar a ressurreição:

ela representava a restauração do pecado de Eva. Da mesma maneira que Eva tentou Adão em um jardim, e foi a causa da queda do homem, Maria Madalena encontrou o Cristo em um jardim e foi a testemunha de sua

transformação na Divindade, abrindo o caminho de reintegração do homem ao Adão original. Ela é chamada então de 'Apóstola dos Apóstolos'

Assim, Madalena é redimida e traz a esperança de salvação para toda humanidade, mesmo sendo uma mulher como todas as outras, visto que é “arquétipo de Eva, mas num sentido oposto. Eva é causadora da queda do homem. Maria Madalena, que se encontra com Jesus ressuscitado [...], torna-se a anunciadora da mensagem de Salvação aos descendentes de Eva e Adão” (CARVALHO, 2009, p. 38-39). Foi através de Madalena, uma mulher, que os apóstolos (homens) receberam a anunciação do retorno de Jesus. Maria Madalena é o modelo da mulher que se faz merecedora. O surgimento desse modelo representado por Madalena faz com que essas mulheres sigam seus passos com esperança da salvação através do arrependimento. Apesar do culto madaleniano, a Virgem continua a ser a protagonista feminina da Cristandade, a grande provedora da graça divina.

Eva se torna profana pela sua desobediência, já Maria se faz sagrada por sua obediência, ao deixar de desobedecer e passar a arrepender-se, através da penitência, Madalena torna-se obediente, arrependida e eterna penitente. Assim “deveriam” ser as mulheres cristãs da sociedade no século XII. Para Camargo-Moro (2004), Madalena não é “nascida da Virgem”, mas é a “tornada virgem”, é a alma purificada que tem seu retorno à Divindade através das dores penitenciais, visto que “para cada pecado há a tarifa precisa da penitência. Portanto, o *Corrector* é um penitencial” (DUBY, 2013, p. 190). E para o pecado sexual essa “tarifa” que irá corrigi-lo se estende como cobrança pela eternidade.

Como ela, as mulheres teriam que arrepender-se e renunciar aos pecados mundanos, deixando de desobedecer e passar a obedecer, mesmo não atingindo o nível da Virgem, ao seguir o modelo de Madalena (o modelo da penitência), tornam-se mais próximas da Virgem, no entanto, o arrependimento tem um preço.

Maria Madalena só foi plenamente redimida após ter feito penitência (DUBY, 2013). O modelo penitencial é o modelo da dor, da submissão, da abstenção, das lágrimas, do sofrimento para a legitimação do arrependimento. As mulheres que seguirem o modelo de Madalena teriam que também arrepender-se e penitenciar-se.

Assim “deviam” fazer as mulheres cristãs a fim de aproximar-se do “modelo ideal” de mulher, uma vez que Madalena é o mais próximo que se pode chegar da Virgem, ao tentar, sem sucesso, alçá-la, “cada mulher terá de viver com uma imagem de si sempre incompleta, sempre imperfeita, face à impossibilidade de fugir da sua natureza humana identificada com Eva e de ascender à natureza imaculada e virtuosa de Maria” (MOTA-RIBEIRO, 2000, p. 20). Sendo assim, ao enxergarem no exemplo de Maria Madalena a possibilidade de salvação, as mulheres terão que pagar um preço pela mesma, penitenciando-se; cada mulher cristã que seguir o modelo de Madalena assim como ela irá esquecer seu próprio corpo (DUBY, 2013) e negar sua “natural essência pecaminosa”. Em meio ao que se é e ao que se *deve ser*, isso é o que, a um grande custo, se *pode alcançar*. Pois, em Maria Madalena se (re)constrói, sobre duras penitências, uma ponte para a prometida salvação cristã das mulheres.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao perceber a dificuldade de se encontrar fontes que falassem com propriedade sobre as mulheres que viveram no medievo, em especial as que vivenciaram o século XII, nasceu a ideia de se fazer essa pesquisa, procurando firmar um diálogo sobre as mulheres na Idade Média a partir da historiografia.

Nessas páginas, nos dedicamos ao objetivo primordial de analisar modelos femininos surgidos no século XII, idealizados pelo cristianismo a partir das representatividades modelares de Eva, de Virgem Maria e de Maria Madalena. Sendo feito através de uma produção historiográfica acerca do tema e do período, nos possibilitando pensar como se moldaram as vivências das mulheres da época dentro da sociedade medieval. Não que acreditemos que essas mulheres tenham se resumido a tais modelos, mas certamente eles tiveram grande influência em suas trajetórias.

Como cumprimento de outros objetivos, podemos compreender a partir de que contexto social houve o surgimento desses modelos, compreendendo os discursos da Igreja Cristã como construtores de sentidos e direcionadores de condutas, que refletiam a cultura de uma sociedade com bases extremamente patriarcais, enxergando nas mulheres uma barreira para a busca da moral representada pela sexualidade. Feito isso, partimos para os modelos, a partir dos quais identificamos a dicotomia presente nos modelos representados por Eva e pela Virgem Maria. Eva aparece como um modelo desenvolvido para ser repreendido pelas mulheres, pois eram suas filhas e carregavam consigo a herança da culpa advinda da história do livro de Gênesis.

Em uma sociedade que buscava a restauração da moral cristã, discutimos como para se desenhar o modelo de Eva, o pecado original, inicialmente chamado pecado de orgulho foi transformado em pecado sexual. Ainda na busca pela moral, refletia na sociedade o anseio pela virgindade feminina e pelo matrimônio, que agiria como dispositivo de controle para tornar as mulheres submissas aos seus maridos. Assim, por falta do sagrado onde parecia haver tanto profano, surgiu o modelo da Virgem Maria, que entre tantos requisitos incluía dar à luz a pesar de permanecer virgem. Um projeto que de tão perfeito se consolidou único e, paradoxalmente, fora do alcance das mulheres.

Ser Eva e dever ser como a Virgem Maria era um problema pelo fato do segundo modelo ser impossível de se alcançar. Pensando nisso, percebemos a meio caminho entre esse paralelo a formação de uma ponte (re)construída para a salvação das mulheres. Historicizamos a construção desse modelo e problematizamos as consequências em seguí-lo. Ao se perguntarem como era possível alcançar a salvação pela culpa da qual eram acusadas, por serem como Eva e não poderem ser como a Virgem, as mulheres do século XII se viram diante do modelo de Maria Madalena, o duro modelo da penitência e do esquecimento de si própria.

Essa problemática, que aqui foi direcionada em torno do século XII, pode ainda estar presente na contemporaneidade, uma vez que o cristianismo trouxe a/da Idade Média a sedimentação de determinadas concepções em torno do feminino. Sobre as mulheres ainda pesam muitos estigmas. Na Idade Média, desde Eva até às consideradas bruxas, as mulheres sofreram tentativas de controle sobre seus corpos, que continuam a ser sexualizados/objetificados. Quando no medievo se falou do “perigo” que vem das mulheres, para se referir à sexualidade, usando sua culpa “natural” vinda de Eva como justificativa, pode ser compreendida, sobre outra perspectiva, que pode se abrir também uma discussão não sobre a culpa das mulheres, mas sim, sobre a fraqueza dos homens em controlar seus impulsos. Hoje, por exemplo, é comum ouvir: “foi culpa da roupa dela” para se falar sobre assédio, quando nada pode ser usado para justificar tal ato.

Com o passar dos séculos as concepções foram se sedimentando, as sociedades ainda marcadas pelo patriarcado foram condicionando e moldando as vivências e o lugar social das mulheres, até que na era moderna elas passaram a lutar

de modo mais organizado por direitos fundamentais, como pelo direito ao voto, já que os estigmas criados sobre elas ainda as impediam de ter tal direito. Porém, ainda há muito para ser conquistado. O ódio direcionado às feministas e aos feminismos continua a disseminar discursos estereotipados e distorcidos. Observamos também que os discursos do cristianismo ainda mencionam as penitências e ainda atuam como direcionadores socioculturais. Pode ser que existam “Madalenas” esquecendo de si próprias, dos seus desejos e dos corpos, penitenciando-se ao nosso redor.

Pensar a história das mulheres é pensar uma história plural. No medievo, buscou-se controlá-las através de modelos que as condicionavam a agir da maneira como a sociedade patriarcal esperava ou impunha que elas agissem, porque exergaram também sua capacidade de minar lugares de poder, por isso sua liberdade era tão temida. Se houve um “apagamento”, esse artigo espera ter dado uma contribuição para estimular a necessidade de “(re)ascender” tais histórias não buscando uma verdade absoluta, a qual não existe, mas abrindo possibilidades para novos olhares.

REFERÊNCIAS

CALAINHO, Daniela Buono. **História medieval do Ocidente**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014. (Série História Geral).

CAMARGO-MORO, Fernanda. **Arqueologia de Madalena**: uma busca histórica da companheira de Jesus. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CARVALHO, Maria de Fátima Moreira de. **As representações de Maria Madalena na Perspectiva Bíblica e Contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) Universidade Federal da Paraíba, 2009, 144f.

COSTA, Milton Carlos. Duby: Uma perspectiva Histórica sobre as Mulheres medievais. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 5, n. 1, jan./jul. 2012.

COUTO, Lívia Maria Albuquerque. Georges Duby e *As Damas do século XII*: questões historiográficas e sua História das Mulheres. Religião, Sexualidade e Gênero III: **Revista Nures**. Ano XV, número 37, set./dez. 2017.

DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã: a mulher. In: **História do medo no Ocidente**. Tradução Maria Lúci Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DUBY, Georges. **As Damas do século XII**: Heloísa, Isolda e outras damas no século XII/Lembranças das ancestrais/Eva e os Padres. Tradução Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2013.

FELDMAN, Sergio Alberto. **História Medieval**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2015.

GUIZZO, Dirce Socorro. **Maria Madalena**: Luzes e Sombras na urdidura de uma imagem. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2005.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. 3ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreto. Representações Femininas na Idade Média: O olhar de Georges Duby. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 21, p. 37-55, jul./dez. 1999.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 1999.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. **Ser Eva e dever ser Maria**: paradigmas do feminino no Cristianismo. Comunicação apresentada ao IV Congresso Português de Sociologia, Universidade de Coimbra, 17-19 abr. 2000.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. As companheiras de satã: O processo de diabolização da mulher. **Espado, Tiempo y Forma**, Serie IV, H. Moderna, t. IV, 1991, p. 9-24.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PORTELA, Ludmila Noeme Santos. Malleus Maleficarum: bruxaria e misoginismo na Baixa Idade Média. **Religare**, v. 14, n. 2, dez. 2017, p. 252-281.

SILVA, Alex Rogério. **A representação da mulher nas cantigas de santa Maria**. Epígrafe. São Paulo: Edição Um, 2014, p. 73-89.

TILLY, Louise. Gênero, História das Mulheres e História Social. **Cadernos Pagu**. n. 3, 1994.